



## CRÍTICA DE IDÉIAS

EVARISTO DE MORAIS FILHO

**N**ÃO é de hoje que se reclama a presença de uma verdadeira crítica de idéias entre nós. Falta-nos a existência de uma particular categoria de pessoas, com cultura bastante e não menor isenção, capaz de julgar a obra alheia, mormente quando se trata de ensaio, de debate de teses, de assunto cultural, em suma. A ficção é mais feliz. A poesia, o romance, o conto encontram sempre quem sobre eles se manifeste, talvez por se tratar de temas que se limitam muitas vezes a uma simples apreciação superficial, de mero impressionismo.

Isto se dá por vários motivos, destacando-se dentre todos a espantosa incultura nacional. Tudo aqui se faz às pressas, para enganar e tirar proveito imediato. Ninguém vai perder tempo a estudar grego, latim, línguas em geral, filosofia, ciência pura, se não pode encontrar mercado fácil para a sua mercadoria. Basta atentar-se para o número de diplomados em escolas superiores. O bacharel em Direito ainda é o maior atrativo dos nossos estudantes, seguido dos médicos e dos professores de Geografia, História e Línguas vivas (principalmente, francês e inglês). Nas Faculdades de Filosofia não são muito freqüentados os departamentos de Línguas mortas, nem de Filosofia, nem de Ciências. Nas Faculdades de Direito a preferência é dada às matérias de vida prática, de advocacia rendosa e certa. Ninguém se interessa pelas cadeiras puramente culturais ou teóricas, que podem ensinar os princípios gerais, os fundamentos permanentes, mas nada dizem como obter renda bastante para o orçamento doméstico ou para despesas mais prazerosas...

Assim, sem tradição pelos estudos filosóficos nem pelas ciências abstratas, ficam os nossos críticos literários, quando existem, unicamente presos à coisa literária, sem coragem ou material bastante para atingirem o plano mais elevado das idéias, do debate, da cultura. Ouvi certa feita de um dos maiores críticos literários da atualidade que não lhe agradava fazer crítica de crítica, manifestando frontalmente sobre ensaios alheios. As vezes em que o fizera, acrescentava, sentia que não saíra a seu contento o trabalho realizado, preferindo, sem dúvida alguma, a ficção em geral. E olha, que se tratava de alguém bem farrado de sólida cultura literária e humanística, no bom sentido. Que dizer-se então de outros críticos menores?

A crítica de idéias, o debate filosófico, científico, requer esforço, impede o improviso e a superficialidade. Não se trata de ser contra ou favor, como é muito comum entre nós. Tudo é aqui tomado em termos pessoais, subjetivos, de amizade ou inimizade. A apreciação séria de uma obra em tom objetivo, elevado, é quase impossível. Qualquer restrição dói mais na pele do escritor ou do ensaísta do que uma bofetada, e é logo tomada como um insulto e uma ofensa. A vaidade do botucudo anda à flor da epiderme, exigindo represália desde logo.

Vivemos ainda muito daquele intimismo que foi observado no temperamento brasileiro por mais de um viajante de séculos passados: o conhecimento pessoal faz milagres que a obra nem de longe consegue. Só o contato direto, permanente, face a face é capaz de obter as facilidades para o livre trânsito na república das letras. As tardes ou as noites passadas juntas em torno da mesa de uísque tornam-se reveladoras dos gênios recíprocos dos convivas. E tudo então se esclarece e se arranja, para lucro de todos, inclusive do dono do bar.

Enquanto isso, aquêle esforço estrênuo, que requer todo estudo sério, fica esperando indefinidamente. Para que perder tempo, se uma pequena bagagem de dez por cento é o suficiente para o sucesso próximo e ruidoso? E os casos conhecidos vão

servindo de exemplos para os mais novos, como que a incentivar a malandragem e a vivacidade "criol-la" de nossa gente. Todos se julgam inteligentes e com cultura bastante; mas é que confundem a ligeireza e versatilidade com a ação duradoura e definitiva. Tal carro sem carga parece forte, assim como todo braço livre e desembaraçado. Dê-lhes peso para transportar ou para erguer, e logo verão que todos os caminhos se transformarão em ladeiras íngremes ou campeonatos de halterofilismo...

Já é tempo de se transformar em assunto sério a coisa literária entre nós, como já foi tentado por mais de um crítico, deixando para o diletante e para o improvisador aquilo que sobra como migalhas do debate num plano elevado. Claro que é de todo impossível acabar com os marginais da literatura, mas esses viverão como vivem os seus iguais nos centros cultos da Europa ou dos Estados Unidos: simples marginais, que não são levados a sério.